

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 17 | Número 1 | Janeiro – Junho 2023

ISSN 1981-5875

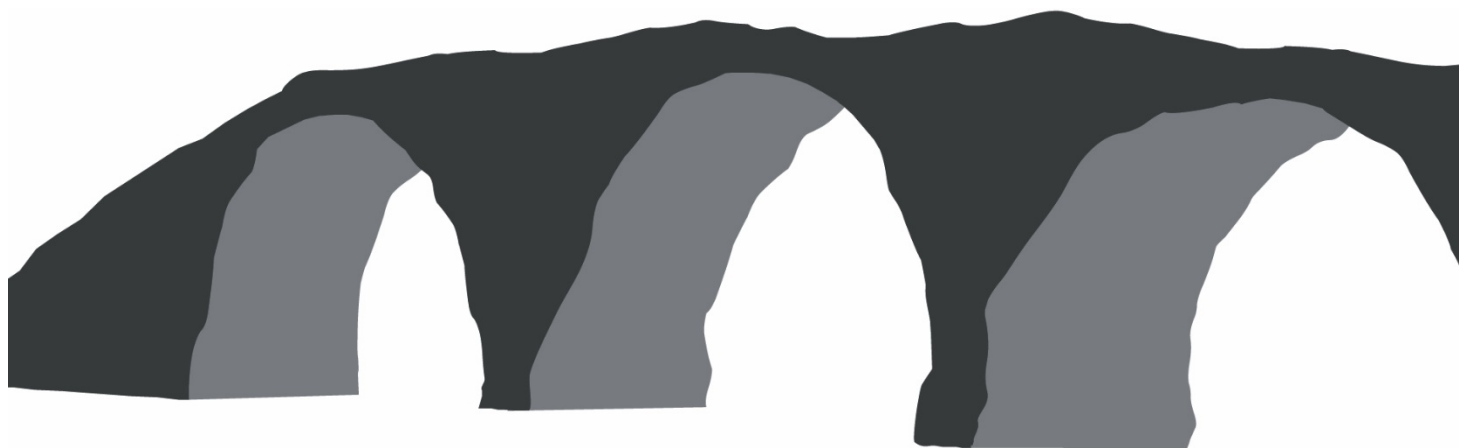
ISSN (online) 2316-9699

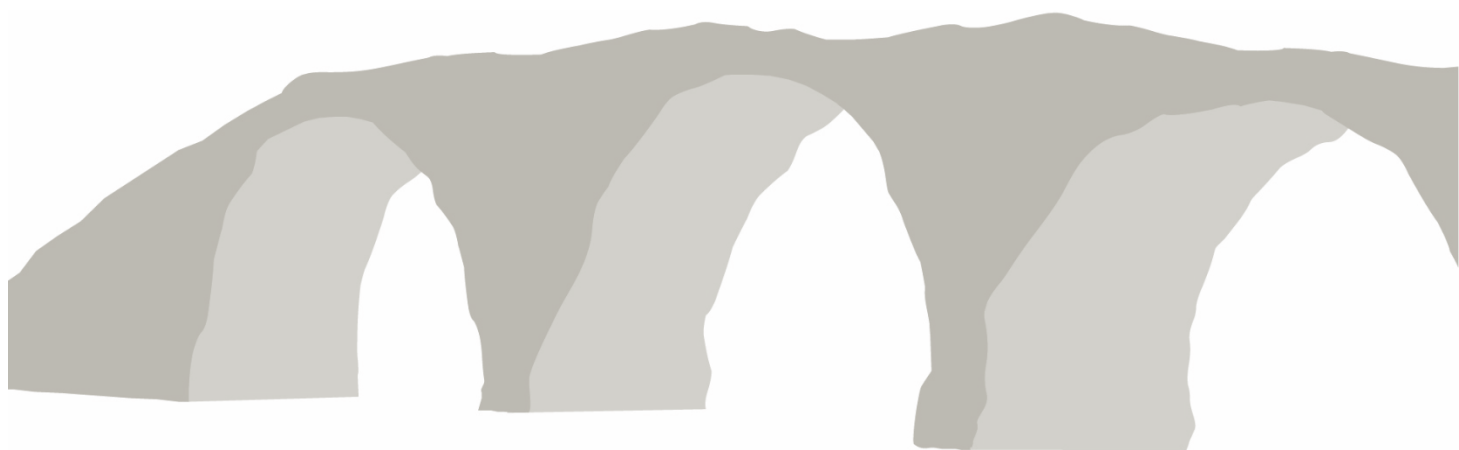
**CULTURA MATERIAL E VIDA COTIDIANA DAS CRIANÇAS NA COLÔNIA
REGENERADORA DOM ROMUALDO DE SEIXAS (INTERNATO ANÁLIA
FRANCO), SÃO PAULO (1911-1997)**

**CULTURA MATERIAL Y VIDA DIARIA DE LOS NIÑOS DE LA COLONIA
REGENERADORA DOM ROMUALDO DE SEIXAS (ORFANATO ANÁLIA
FRANCO), SÃO PAULO (1911-1997)**

**MATERIAL CULTURE AND EVERYDAY LIFE OF CHILDREN AT COLONIA
REGENERADORA DOM ROMUALDO DE SEIXAS (ANALIA FRANCO
ORPHANAGE), SAO PAULO (1911-1997)**

Daniela Maria Alves





Submetido em 15/09/2021.

Revisado em: 25/09/2022.

Aceito em: 20/12/2022.

Publicado em 23/01/2023.

**CULTURA MATERIAL E VIDA COTIDIANA DAS CRIANÇAS NA COLÔNIA
REGENERADORA DOM ROMUALDO DE SEIXAS (INTERNATO ANÁLIA
FRANCO), SÃO PAULO (1911-1997)**

**CULTURA MATERIAL Y VIDA DIARIA DE LOS NIÑOS DE LA COLONIA
REGENERADORA DOM ROMUALDO DE SEIXAS (ORFANATO ANÁLIA
FRANCO), SÃO PAULO (1911-1997)**

**MATERIAL CULTURE AND EVERYDAY LIFE OF CHILDREN AT COLONIA
REGENERADORA DOM ROMUALDO DE SEIXAS (ANALIA FRANCO
ORPHANAGE), SAO PAULO (1911-1997)**

Daniela Maria Alves¹

RESUMO

Este texto analisou os objetos associados às crianças identificados no Sítio do Capão durante as pesquisas arqueológicas efetuadas entre os anos de 2002 e 2003. O Sítio do Capão trata-se de uma construção de fins do século XVII com características construtivas referentes ao período bandeirista. Em 1911 foi adquirido pela Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, fundada por Anália Franco, passando a abrigar crianças órfãs, crianças em situação de abandono, mães em situação de vulnerabilidade com seus filhos e viúvas, permanecendo em funcionamento até 1997. Nesta investigação buscou-se refletir sobre as práticas cotidianas das crianças em ambiente institucional por meio de uma perspectiva arqueológica e histórica. Inferiu-se que os brinquedos além de servirem para diversas brincadeiras infantis, também podem ter auxiliado as crianças na construção de conhecimentos e conteúdos formais.

Palavras-chave: crianças, cultura material, Sítio do Capão.

¹ Doutoranda em arqueologia do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Bolsista Capes. E-mail: danymalves@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6213-7630>.

RESUMEN

El texto examinó los objetos asociados con niños, identificados en el Sítio do Capão durante la investigación arqueológica realizada entre 2002 y 2003. El Sítio do Capão es una construcción de finales del siglo XVII con características construtivas referidas al período “bandeirista”. En 1911 fue adquirida por la Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, fundada por Anália Franco, comenzando a albergar a niños huérfanos, niños en situación de abandono, madres en situación de vulnerabilidad con sus hijos e viúdas, permaneciendo en funcionamiento hasta 1997. En esta investigación se buscó reflexionar sobre las prácticas cotidianas de los niños en un entorno institucional a través de una perspectiva arqueológica e histórica. Se infirió que los juguetes, además de servir para diversos juegos infantiles, también hayan ayudado a los niños en la construcción de conocimientos y contenidos formales.

Palabras clave: niños, cultura material, Sítio do Capão.

ABSTRACT

This paper analyzed the objects related to children, identified at the archaeological site of Sítio do Capão, in the city of São Paulo, Brazil, during the research carried out between 2002 and 2003. The Sítio do Capão is a construction from the end of 17th century with aspects referred to the “bandeirista” period. In 1911, it was purchased by the Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, founded by Analia Franco, beginning to house orphaned and abandoned children, mothers in vulnerable situations with their youths and widows, until 1997. This investigation intended to reflect everyday life of children in the institution through the archaeological and historical perspectives. As a result, it is believed that toys provided children numerous ways to play, furthermore they aided children in the construction of knowledge and formal concepts.

Keywords: children, material culture, Sítio do Capão.

INTRODUÇÃO

Instituições de diversos tipos, de natureza pública ou privada, fazem parte da paisagem urbana do mundo ocidental contemporâneo. Muitas delas são originariamente muito antigas (Winter, 2015). Desde o século XV uma significativa parcela da população, dentre homens, mulheres e crianças de diferentes classes sociais construíram seus lares em instituições monásticas, casas para pobres, hospitais, orfanatos e colégios, alguns por breves períodos, enquanto outros por toda a vida (Cavallo & Evangelisti, 2009).

No século XIX, notadamente, movimentos reformistas ecoados a partir de ações governamentais ou da sociedade civil buscaram meios para implantar instituições direcionadas exclusivamente para crianças, como escolas e orfanatos (Baxter & Ellis, 2018). Igualmente, no Brasil, inúmeras instituições voltadas para atender especificamente às crianças multiplicaram-se, de modo especial a partir da segunda metade dos oitocentos. Nas primeiras décadas do século XX, as infâncias converteram-se em assuntos de preocupação entre diversos segmentos da sociedade, em particular a infância pobre (Rizzini, 1990). Até o final da década de 1980 essas entidades, chamadas de internatos e orfanatos, permaneceram atuando baseadas em modelos de asilos (Rizzini & Pilotti, 2009). No caso da cidade de São Paulo, orfanatos, dentre outras instituições criadas no decorrer do século XIX pela iniciativa da sociedade civil ou pelo poder público, conseguiram se manter durante longo tempo e propiciaram alguns mecanismos de resposta institucional ao abandono, à orfandade e à educação de crianças (Fonseca & Narita, 2017).

Em princípios do século XX, uma instituição de grande envergadura notabilizou-se, a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (AFBI), estabelecida em 17 de novembro de 1901 pela educadora Anália Emília Franco. No ano de 1911 foi fundada a Colônia Regeneradora Dom Romualdo de Seixas no mesmo local noutros tempos conhecido como sítio do Capão Grande, na zona leste da cidade de São Paulo. A colônia abrigou crianças órfãs, crianças em situação de abandono, jovens mães em situação de vulnerabilidade com seus filhos e viúvas. A entidade atuou durante extenso período, assim como a maioria das instituições criadas pela AFBI.

Há registros de que no ano de 1698, o sítio do Capão Grande, como foi primeiramente denominado, pertencia a Pedro Aries Aguirra e sua esposa Catharina Lemos. O sítio passou por diversos proprietários, até que em 2 de novembro de 1829 foi adquirido pelo padre Diogo Antônio Feijó. O padre viveu durante alguns anos no local e alterou o nome para sítio Paraízo. Finalmente, no ano de 1911, o sítio tornou-se propriedade da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (Condephaat, 1978)². Em meados do século XX, Sant'anna (1937) afirmava que o casarão no bairro da Água Rasa, outrora pertencente ao padre Feijó, permanecia em

² Em 1978, teve início uma série de pesquisas de cunho histórico e arquitetônico pela equipe do Condephaat com a finalidade de proceder ao tombamento do local. Quando da primeira visita dos especialistas, a construção encontrava-se em funcionamento, com o nome de Internato Anália Franco. As pesquisas afirmaram tratar-se de uma construção de fins do século XVII com características construtivas referentes ao período bandeirista. Um segundo pavimento foi construído na década de 1870, além disso verificaram-se diversas modificações no pavimento térreo, bem como a construção de anexos, realizadas ao longo dos anos. Após a conclusão das pesquisas e parecer favorável do Condephaat para o tombamento da propriedade, a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva solicitou a reconsideração do processo e o não tombamento do imóvel. No ano de 1983 foi realizada nova visita técnica e efetuada consulta a conselheiros. O parecer favorável ao tombamento foi mantido, tendo sido então publicada a Resolução 20701/78, em 14 de agosto de 1984 (Condephaat, 1978). O Sítio do Capão também é tombado na esfera municipal sob a Resolução nº 05/91, deferida em 5 de abril de 1991. Em 1999 iniciaram-se as obras de restauro do casarão, coordenadas pelo arquiteto Samuel Kruchin. Segundo Costa *et al.* (2007), também passaram por restauro as pinturas murais decorativas a cal, que revelaram as inúmeras técnicas utilizadas desde o período colonial até o século XX. Quando das obras de restauro, a propriedade já não mais pertencia a AFBI. Assim sendo, a propriedade constituiu-se como um bem de interesse público que está sob posse e é mantida por ente privado.

suas formas originais, sendo um dos mais antigos da cidade e que no seu tempo abrigava as instalações do asilo Anália Franco.

Neste texto, evidenciou-se o período mais recente de ocupação do Sítio do Capão, isto é, o momento perpassado pelo século XX, no qual funcionou a instituição beneficente. O trabalho abordou a cultura material associada às crianças, identificada durante as pesquisas arqueológicas. No casarão da atual avenida Regente Feijó, 1295, meninos e meninas de várias idades partilharam vivências diárias com outras crianças e com adultos. Compartilharam experiências por meio das aulas estruturadas e das oficinas e por meio de jogos e brincadeiras.

Nesse sentido, buscou-se aliar as perspectivas histórica e arqueológica para refletir sobre as práticas diárias das crianças em uma instituição de acolhimento no decorrer do século XX. Além da cultura material, dispôs-se do auxílio de fontes documentais e bibliográficas e da memória literária “Vida e Obra de Anália Franco”, escrita por Maria Cândida Silveira Barros (1982), uma das inúmeras crianças que viveram na colônia Dom Romualdo de Seixas.

A PESQUISA ARQUEOLÓGICA E A CULTURA MATERIAL ASSOCIADA ÀS CRIANÇAS

Entre os anos de 2002 e 2003 foram realizadas pesquisas arqueológicas, posteriormente consolidadas por meio do “Relatório Final – Prospecções Arqueológicas no Sítio do Capão, Município de São Paulo”. A área investigada abarcou o total de nove mil metros quadrados, atingindo em grande parte a área interna e em menor parte a área do entorno do casarão sede. O acervo coletado alcançou 10.087 peças³. A análise desse material corroborou o longo tempo de ocupação da área, demonstrando a presença de diversos artefatos em cerâmica, louça, metal e plástico, além dos restos de fauna. As investigações arqueológicas atestaram ainda as modificações e ampliações executadas a partir da ocupação do espaço pela entidade dirigida por Anália Franco. Foram efetuadas várias intervenções na casa, assim como nos anexos do entorno. Entre as décadas de 1940 e 1950 foram realizadas novas intervenções, inclusive em um dos anexos verificou-se a data de 1947 inscrita no piso (Zanettini Arqueologia, 2003; Zanettini, 2005).

Muitos dos artefatos relacionados às crianças foram coletados em superfície, tanto no interior do casarão como na área do entorno. Em menor quantidade foram coletados artefatos após a retirada do piso de madeira ou em profundidade na área externa. Ao todo, foram analisadas 61 peças.

Esses objetos foram divididos em categorias, observando-se suas respectivas matérias-primas, sendo estas: vidro, plástico, madeira, lítico, cerâmica, borracha, metal e couro. O vidro destaca-se como categoria mais representativa, na qual constam 33 peças. Correspondem a 32 bolinhas de gude, todas coletadas em superfície, em diferentes cômodos do casarão. Algumas delas podem ser vistas na Figura 1. Há também uma cabeça de boneca (o), de cor branca. Possui olhos e sobrancelhas pintadas de preto, boca vermelha, e o chapéu pintado de amarelo.

³ O material coletado durante as pesquisas arqueológicas encontra-se abrigado no Centro de Arqueologia do município de São Paulo. Cabe salientar que há na coleção vários objetos associados às crianças que correspondem a brinquedos e solados de calçados identificados em superfície, contudo, optou-se por selecionar alguns deles como referenciais para serem analisados. Quanto aos objetos coletados abaixo do piso ou em profundidade na área externa, todos foram analisados.



Figura 1. Bolinhas de gude de vidro (Fotografia da autora).

Os objetos em plástico representam a segunda categoria em maior número e somam doze artefatos. Todos foram coletados em superfície. Quais sejam: um peixe verde, uma pequena bolinha branca, um instrumento musical de sopro vermelho, um pequeno coelho amarelo, um dado verde, contendo figuras e letras; uma xícara branca, uma xícara rosa, uma roda de carrinho, uma peça para jogo de loto, uma espada fragmentada, uma cabeça de boneca (o oca, com duas antenas, orelhas, olhos, nariz e boca e uma peça de jogo de dominó. Alguns exemplares podem ser observados na Figura 2.



Figura 2. Dado, peça de jogo de loto, peça de jogo de dominó (Fotografia da autora).

Depois, têm-se os objetos confeccionados em madeira, totalizando cinco peças, identificados tanto em superfície, como na camada logo abaixo do piso. É interessante notar a presença de três piões, todos eles encontrados no mesmo cômodo logo após a retirada do assoalho. Outra peça de madeira em formato de Y, o estilingue, foi identificado em superfície. Há ainda uma peça em formato geóide, também encontrada em superfície. Possui uma pequena abertura circular em uma extremidade e na outra extremidade uma abertura circular menor. Certamente usada como bilboquê. Esses brinquedos podem ser vistos na Figura 3.



Figura 3. Pião, estilingue e bilboquê (Fotografia da autora).

Quanto aos artefatos líticos, encontram-se duas peças. Uma delas trata-se de uma bolinha branca, de tamanho similar às bolinhas de gude de vidro e outra pequena rocha com faces planas e laterais polidas, ambas coletadas em superfície (Figura 4).

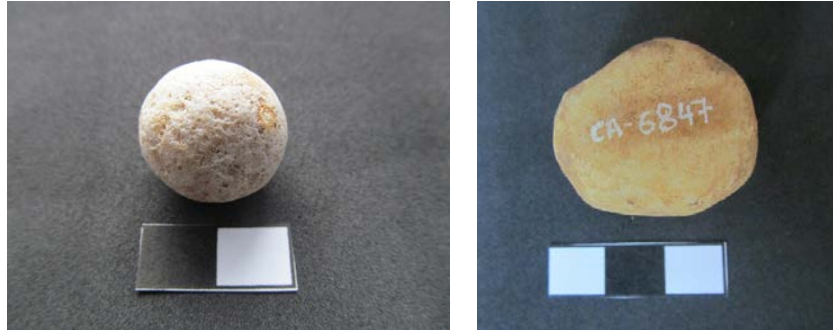


Figura 4. Bolinha e pequena rocha (Fotografia da autora).

Os artefatos em cerâmica estão representados por quatro peças. Uma delas corresponde a uma bolinha levemente fragmentada, identificada em uma raspagem realizada após a retirada do assoalho em um dos cômodos. Há duas peças de argila que apresentam formato circular, com faces planas e as laterais bem polidas. Uma delas foi evidenciada em uma sondagem, tipo poço-teste, a 0,60 metros de profundidade, enquanto a outra foi coletada em superfície. Consta ainda uma ave, identificada em superfície. Alguns exemplares podem ser observados na Figura 5.



Figura 5. Bolinha e peça de argila (Fotografia da autora).

Os artefatos em borracha correspondem a duas peças. Um deles trata-se de uma bola fragmentada de cor branca, evidenciada em um dos cômodos após a retirada do piso de madeira. O outro trata-se de um chinelo fragmentado, marca havaiana, identificado em superfície. As imagens podem ser verificadas na Figura 6.

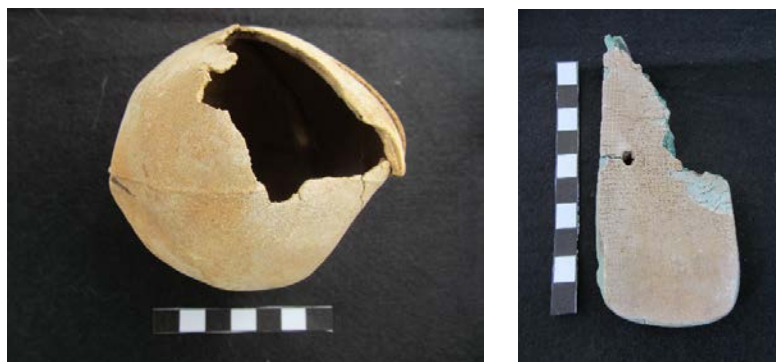


Figura 6. Bola e chinelo fragmentados (Fotografia da autora).

Os objetos em metal correspondem a duas peças, também identificadas em superfície. Um deles trata-se de uma arma. Na base da arma que serve de apoio para as mãos, nota-se nitidamente a cor vermelha. Na outra face da peça, nota-se o vermelho já desbotado. Observa-se também maior deterioração da peça nesta face. A parte utilizada para colocação de munição encontra-se separada da peça. O segundo artefato corresponde a um mecanismo para caixinha de música. Ambos, podem ser observados na Figura 7.



Figura 7. arma e mecanismo para caixinha de música.

O artefato em couro trata-se de apenas um exemplar. Possui duas aberturas circulares, sendo uma em cada ponta. A peça servia como contenedor para um objeto que se desejasse arremessar, como pedrinhas, por exemplo⁴.

Sugere-se que os brinquedos coletados abaixo do piso remetem às primeiras décadas de ocupação da colônia. Os piões, a bola de borracha, encontrados depois da retirada do assoalho no interior da casa, assim como a bolinha de argila e a peça circular de argila, identificadas na área externa, podem estar relacionados às crianças que ali viveram nesse período. Quanto aos objetos identificados em superfície, referem-se à fase mais recente de ocupação, abarcando até fins da década de 1990, quando a instituição foi completamente desativada.

⁴ Este artefato em couro, certamente parte complementar do estilingue, foi entregue à equipe de arqueologia durante a execução das atividades de campo, assim não se sabe a procedência exata do objeto.

A COLÔNIA REGENERADORA DOM ROMUALDO DE SEIXAS⁵

Embora tenha encontrado resistência e desaprovação no início de seu trabalho ainda em fins do século XIX, no transcorrer dos anos, Franco conquistou reconhecimento por suas ações sociais e por suas publicações, como revistas, jornais, além dos numerosos manuais didáticos (Oliveira, 2007; Lodi-Corrêa, 2009; Portela, 2016; Johansen, 2017). As inquietações de Anália Franco concernentes à educação, particularmente à educação feminina, precederam a fundação da associação. Em 1898 fundou o “Álbum das Meninas, a Revista Literária e Educativa Dedicada às Jovens Brasileiras”. A revista apresentava textos educativos direcionados às mães e às meninas, além de textos literários escritos pela própria Anália e por outras mulheres. Segundo Chagas (2016), o Álbum das Meninas tornou-se um meio de comunicação relevante sobre seu pensamento, pois Franco buscava sempre alertar sobre o abandono no qual se encontrava a educação feminina.

Sua obra expandiu-se rapidamente pelo estado de São Paulo. Segundo Oliveira (2007), entre os anos de 1908-1909, a AFBI assegurava 38 entidades, sendo 17 escolas maternas, uma escola noturna para operários, um liceu feminino, asilos, creches, albergue diurno para crianças, afora instituições espalhadas por cidades do interior do estado de São Paulo. Para Kishimoto (1986), embora as instituições criadas pela educadora apresentassem similaridades com asilos e orfanatos, as características de cunho pedagógico as tornavam diferenciadas das demais entidades filantrópicas. Como afirmaram Fonseca e Johansen (2018), Anália Franco distingue-se como uma das personagens fundamentais na formação do campo das atenções à infância pobre paulista, tendo em vista o zelo pela prática pedagógica e não puramente assistencialista com que atuava.

Conforme mencionado, anos depois da fundação da AFBI, Anália Franco adquiriu o Sítio do Capão. Uma descrição sobre o sítio à época pode ser observada a seguir:

[...] a pedido verbal de pessoa interessada, que revendo no cartório a seu cargo, o livro respectivo deles consta que conforme a transcrição número 58.784 (cincoenta e oito mil setecentos e oitenta e quatro), feita em data de quatro de março de mil novecentos e onze. O coronel Serafim Leme da Silva e sua mulher Julieta Baptista da Silva Leme transmitiram por venda feita à Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, com sede neste Estado, conforme escritura lavrada em dezoito de fevereiro de mil novecentos e onze, nas notas do segundo Tabelião desta comarca da Capital, pelo valor de cem contos de réis, o imóvel denominado “Chácara Paraíso”, no bairro de São José do Belém, na Freguesia do Bráz, desta comarca da Capital, com uma área aproximada de setenta e cinco alqueires de terras, parte em matas e capoeiras, parte ocupada por plantações e construções diversas, como sejam, casas, estábulos, etc..., toda dividida por valos e cercas de arame, tendo as divisas seguintes, segundo consta do título de aquisição: começam do lado da cidade, no lugar chamado “Água Rasa”, onde tem uma porteira, seguindo o valo que divide dita chácara e a estrada acompanhando a estrada que segue o bairro da Mooca, pelo lado do ribeirão Tatuapé e daí alcançar outro valo que corre abeirando a estrada margeando sempre o córrego até na estação do Caguassú e por esta seguindo, divide hoje com Miguel Jacob, encontrando uma casinha nova dentro do terreno de dita chácara onde tem uma porteira que vai à Sexta Parada, e seguindo ainda a dita estrada, valo e cercado de arame, volteando a Quinta Parada, até chegar à estação de número sete, descrito na planta, partindo dessa estação ou marco com o rumo de S. trinta e seis graus, zero minutos, até encontrar a borda do tanque medindo aproximadamente, setecentos metros e daí seguindo a borda de dito tanque, até dar no córrego e por este até o ponto de partida, confinando da estação ou marco número sete até o tanque e deste até o córrego, com Francisca Paula Souza, do córrego até o ponto de partida, divide com uma nesga de terrenos de posse do doutor Carlos Garcia, na Água

⁵ Segundo Barros (1982), o nome da instituição foi escolhido em homenagem à Dom Romualdo Antônio de Seixas, arcebispo do estado da Bahia. De acordo com Santos (2014), Dom Romualdo teve uma atuação importante como político entre os anos de 1828 a 1860 e também no arcebispado da Bahia, aonde procurou lançar bases para formação de um novo clero. Tornou-se bastante conhecido nacionalmente.

Rasa, sítio esse que os transmitentes declararam que houveram por compra feita a João Evangelista do Rego Freitas e sua mulher [...] (Condephaat, 1978, p. 8, 9).

Segundo Kruchin *et al.* (1999), com a instalação da instituição surgiu uma delimitação precisa da área, separando definitivamente os espaços. Todo o entorno do edifício ganhou muros altos, que circunscreveram o pomar aos fundos e os quintais à frente. Já nos idos de 1930 não era mais possível notar traços de ruralidade.

Anália Franco, inicialmente concebeu o local para abrigar “mulheres arrependidas” (Monteiro, 1992). Em pouco tempo, mulheres com seus filhos, além de crianças órfãs também passaram a ser acolhidas na instituição (Lodi-Corrêa, 2009). No relatório da associação do ano de 1912, Franco declarou que a Colônia abrigava 162 órfãos e 3 senhoras. Destacava ainda haver a seção dos meninos, a seção das meninas e a seção das “arrependidas” (Franco, 1913). Algumas imagens podem ser vistas na Figura 8.

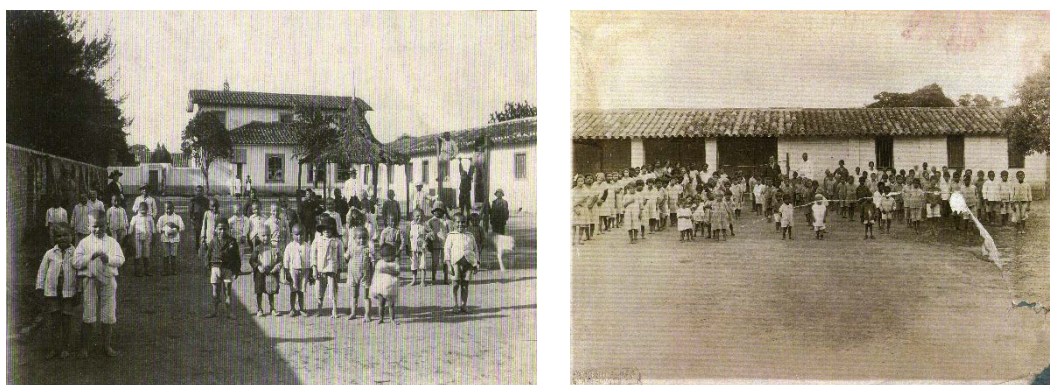


Figura 8. Crianças na Colônia Regeneradora Dom Romualdo de Seixas (somente meninos). Crianças em fila (meninas e meninos). A maioria das crianças está descalça em ambas as fotos (Fotografias cedidas por Samuel Kruchin).

O esforço empreendido na Colônia Regeneradora Dom Romualdo de Seixas logo alcançou o reconhecimento da sociedade paulistana. De acordo com o jornal *O Estado de São Paulo* (1912), o vereador municipal Ernesto Goulart Penteado realizou uma vistoria de inspeção no local. Depois de percorrer todas as dependências deixou registrado no livro de visitas o quão encantador tudo lhe pareceu:

“A impressão que tive visitando a Colônia Regeneradora foi magnífica. A vida activa, instructiva se manifesta alli, a cada passo que se percorre nesse útil estabelecimento” (*O Estado De São Paulo*, 12 de abril de 1912, p. 4).

Já no ano de 1918, o *Anuário Estatístico de São Paulo* (1920) listava 109 matriculados, sendo 34 do sexo masculino e 75 do sexo feminino. A morte de Anália Franco em 1919 parece ter alterado totalmente a dinâmica da instituição. Segundo Maria Cândida Silveira Barros⁶ (1982), uma das inúmeras internas que ali viveu durante vários anos, declarou que Francisco Antônio Bastos, marido de Anália e diretor da colônia foi destituído do cargo depois da morte da esposa. O *Anuário Estatístico de São Paulo* (1923) para o ano de 1919 não exibiu qualquer informação referente às crianças atendidas, nem aos subsídios fornecidos. No mesmo *Anuário*

⁶ Maria Cândida Silveira Barros conjuntamente com duas irmãs foram morar em uma das entidades fundadas por Anália Franco em 1906, na rua do Piques, 21. A mãe doente, antes de morrer solicitara que os filhos fossem deixados com Anália Franco. Depois de passarem por algumas casas, em 1911 instalaram-se no Sítio do Capão. Ali, passou parte da infância e toda a adolescência. Era uma das integrantes do Grupo-Dramático Musical, para o qual dedicava-se com afinco. Narrou ainda que uma de suas irmãs morreu e a outra foi morar com os avós maternos, no entanto, ela decidiu permanecer na instituição, pois estava comprometida com as apresentações do Grupo-Dramático Musical. Maria Cândida aí permaneceu até seu casamento no ano de 1918. Em 1959 escreveu o livro em homenagem à Anália Franco: “Vida e obra de Anália Franco 1856-1919 (Barros, 1982).

Estatístico de São Paulo (1923) para o ano de 1920 afirmou-se que haviam 125 alunos matriculados, sendo 65 do sexo feminino e 60 do sexo masculino. Apoiada em textos jornalísticos da época, Ferreira (2020) certificou que a situação das crianças na instituição encontrava-se extremamente precária após a morte da educadora, em virtude da crise mundial pós Primeira Guerra e da gripe espanhola, que acometeu Anália Franco, causando sua morte.

Em artigo publicado na data de sete de março de 1957 no jornal O Estado de São Paulo, destacou-se que grande área do terreno foi loteada e vendida para arcar com as despesas da instituição. Residências modestas foram se erguendo no entorno, inicialmente como moradias de subúrbio, logo agregadas ao bairro. Reforçou-se ainda que o casarão naquele momento se encontrava em bom estado de conservação devido aos consertos no telhado e pinturas periódicas realizadas pela direção da entidade, que já levava o nome de Internato Anália Franco.

O texto publicado em doze de abril de 1967, no mesmo jornal, relatou que a AFBI necessitou buscar assessoria de um advogado a fim de comprovar a posse das terras, sede do Internato⁷. No artigo de dezenove de abril de 1967, também do jornal O Estado de São Paulo, são descritos diversos ataques sofridos pela instituição. Em 1964, grileiros interessados naquelas terras passaram a intimidar funcionários com invasões e disparos de tiros. Nesse tempo, o local abrigava quinhentas crianças. A situação calamitosa perdurou por dois anos e a entidade foi fechada. Em 1966, Hugo Paulo Braga assumiu a direção e a reabriu, acolhendo apenas cinquenta crianças. Os grileiros tentaram novos ataques, desta vez munidos de documentação falsa, alegando posse sobre as terras. Então, foi solicitado policiamento para a área. Logo, policiais a cavalo passaram a fazer ronda por toda a noite na região.

Estudos realizados a partir de levantamentos aerofotogramétricos atestaram que entre as décadas de 1960 e 1970 foram erguidos outros edifícios no entorno do Sítio do Capão. Nas décadas de 1980 e 1990, observou-se novamente o processo de loteamento. Nesse período, houve a construção de dez edificações no antigo terreno outrora pertencente à instituição (Kruchin *et al.*, 1999). Em reportagem de 22 de maio de 1995, no jornal O Estado de São Paulo, o diretor da AFBI, Hugo Paulo Braga, reiterava sobre os problemas de invasão, os problemas de infiltração de água e de destruição do madeiramento do telhado. Dizia que a associação aguardava decisão da prefeitura sobre o restauro. Segundo Kruchin *et al.* (1999) a entidade encerrou suas atividades no ano de 1997.

Cachioni (1999) asseverou que o local no qual se encontra o atual Sítio do Capão é remanescente de uma extensa área que o processo de urbanização ocupou no decorrer dos anos. Os córregos Capão do Embira e Ribeirão Tatuapé foram canalizados e não são mais visíveis na paisagem.

Face às informações apresentadas, verifica-se que a entidade passou por mudanças após a morte de Anália Franco. Os recursos insuficientes tornaram cada vez mais difícil a manutenção e o atendimento às crianças. Por volta da década de 1950 foi preciso lotear parte do imenso terreno. A instituição atravessou períodos conturbados na década de 1960, sendo necessário seu fechamento por certo tempo. Conforme as reportagens do jornal O Estado de São Paulo do ano de 1967, observa-se que anos antes quinhentas crianças eram ali atendidas, número bem mais elevado do que aquele retratado nas primeiras décadas do século. É provável que

⁷ No referido texto descreveu-se que documentos possivelmente teriam sido falsificados acerca de lotes ofertados para a venda pela AFBI. Parte da área teria sido oferecida para venda à 2ª Região Militar. No entanto, documentos de posse de lotes encontravam-se nas mãos de diferentes pessoas. Alguns pagavam prestações à determinada imobiliária, que por sua vez seguia com planejamento de construções. O inquérito que envolvia várias pessoas não havia sido concluído e seguia sob investigação até aquela data.

nesse período ou mesmo antes a entidade tenha deixado de acolher jovens mulheres e viúvas e tenha se voltado somente ao cuidado das crianças.

A CULTURA MATERIAL E A VIDA COTIDIANA DAS CRIANÇAS

A cultura material referente às crianças do Sítio do Capão sinaliza que brincadeiras e jogos eram parte das atividades rotineiras. Observa-se que a maioria dos brinquedos identificados são industrializados. Outros, como a pequena rocha, a bolinha de pedra, a bolinha de argila e as peças de argila foram apropriadas e incorporadas pelas crianças em diversas brincadeiras. Alguns deles têm origem bastante antiga e permaneceram ao longo de gerações, como o pião, a bola, o bilboquê, as bolinhas de gude e o estilingue.

Segundo Câmara Cascudo (2005) o pião, também chamado pinhão, é um brinquedo de madeira, de formato piriforme, com uma ponta por onde gira por meio do impulso do cordão enrolado na outra extremidade e puxado com destreza. Assim, o pião gira rapidamente. O estilingue, baleadeira, funda, dentre tantos outros nomes é descrito como uma arma infantil usada para matar passarinhos. É confeccionada com uma forquilha de madeira resistente em formato de Y. Nas extremidades superiores amarram-se dois pedaços de borracha, acrescenta-se um pedaço de couro ou tecido que forma a funda na qual são colocadas pedras ou seixos para serem atirados. Quanto à bola, que talvez seja o brinquedo mais popular de todos, o autor destacou que pode ser feita de couro, de madeira, de vegetais ou de borracha. O bilboquê, nome de origem francesa, chamado pelos portugueses de toque-emboque, jogo de bola com aro, dentre outros, é referido como um jogo de bola com arco, bastante conhecido pelos brasileiros desde princípios do século XVIII. O autor também menciona o jogo do gude como bastante antigo e já praticado pelos gregos na antiguidade. Carvalho (1988) afirmou haver uma enorme variedade de bolinhas de vidro e aquelas consideradas mais valiosas entre os meninos tinham nomes específicos. Altman (1999) reiterou que os jogadores costumavam ter seus saquinhos e suas bolas da sorte. Havia o jogo “simples”, o “limpinho”, o “sujinho”, o “caminho de rato”, o “murinho”, o “triângulo”, o “quadrado”, o “buraco” e demais variações regionais.

Como indicam alguns documentos referentes à colônia, a rotina diária das crianças também envolvia atividades educacionais estruturadas. As atividades pedagógicas, oficinas, assim como as atividades domésticas encontravam-se organizadas conforme a idade e o gênero das crianças. De acordo com o relatório da AFBI (Franco, 1913), as disciplinas oferecidas encontravam-se assim divididas para as meninas: aula de moral; aula de música; 1º ano do Liceu; 2º e 3º ano do Liceu; curso primário; curso preparatório; aula de analfabetos. Para os meninos: aula de moral; curso primário; curso maternal. As oficinas internas ofertadas para as meninas encontravam-se assim distribuídas: bordados, rendas e trabalhos de agulha; costura e flores. Para os meninos: vasos, cestinhas e flores. Quanto às oficinas externas, aos meninos era ofertado agricultura, tipografia e carpintaria. Para as meninas haviam aulas de horticultura e floricultura. Os produtos resultado do trabalho empreendido pelas crianças nas oficinas eram vendidos e o dinheiro revertido para pagamento de professores, de outros profissionais e para demais custos necessários à manutenção da instituição. Monteiro (1992) acrescentou que as meninas confeccionavam as próprias roupas e uniformes, faziam chapéus, aventais, paletós, porta-joias, vestidos, bonecas, brinquedos, estojos, almofadas, toucas e copos trabalhados para serem vendidos nos bazares da Rua do Piques e da Rua do Rosário. Conforme enfatizou Perez (2011), a educação profissionalizante também fazia parte dos projetos de Anália Franco.

Em suas memórias Barros (1982) descreveu:

Tanto espaço! Tanta vegetação! Tanta disciplina! [...] um Colégio! [...] uma fazenda! Lembro-me bem que foi ali que estudávamos Botânica. Anita Santos nos ensinava e nos emaranhados bosques de rosas loucas a gente penetrava sem medo dos espinhos e arrancava-lhes algumas flores [...] Estames e pistilos, caules, folhas e flores, pediúnculos, cálices e corolas; pétalas e cépalas; raízes e hastes, folhas pecioladas, clorofila e gás carbônico [...] e por aí seguíamos com nossas lições práticas. Perto do rio, quase ouvindo o barulho da cascata produzido pela queda d'água no ladrão do açude e isso nos dias em que descíamos pela estrada principal para irmos lavar a roupa no rio [...] (Barros, 1982, p. 53).

O cotidiano das crianças tornou-se mais dinâmico com a criação do Grupo Dramático-Musical⁸, pelo menos para as meninas, tendo em vista que o grupo era formado somente por meninas. O relato significativo de Barros (1982) é expresso nas páginas que contam as inúmeras viagens feitas pelo Grupo Dramático-Musical do qual era integrante. Seu grande entusiasmo pode ser verificado no trecho a seguir:

Em muito pouco espaço de tempo a nossa Banda de Música era uma realidade formidável! Acontece que havíamos estudado canto e música desde os primeiros tempos do colégio. Nosso Coral de 4 Vozes lecionado pelo Doutor Eugênio – do Conservatório Nacional – já nos havia preparado, e muito, pois, o nosso teatrinho da Rua dos Estudantes sempre contou com a nossa orquestra e com o nosso Coral. Tivemos, portanto, uma excelente Banda de Música que por 8 anos consecutivos, viajou juntamente com as moças e meninas componentes do nosso “Elenco Dramático-Musical”. Éramos um punhado de alunas do Colégio, nosso Diretor, mais a inseparável Babá. Ao todo contávamos com um total de 60 pessoas, todas trabalhadoras. (Barros, 1982, p. 56, 57).

Barros (1982) informou que a primeira viagem do grupo foi para a cidade de Santos, na qual permaneceram por três meses. Os jornais de Santos e São Paulo costumavam noticiar as apresentações. Graças à sua participação no Grupo-Dramático Musical sentia-se trabalhadora, colaboradora para o próprio sustento e envolvida em uma causa social grandiosa, conjuntamente com Anália Franco, a protetora de todas.

Deveras, a vida cotidiana das crianças parecia bastante ativa nesse período em que Anália Franco presidia a AFBI e geria as entidades em São Paulo. De acordo com o relato de Maria Cândida, observam-se aspectos importantes sobre as ações educativas na entidade. As aulas ministradas na disciplina de Botânica mostraram que o espaço da antiga fazenda foi bem apropriado para as práticas de ensino-aprendizagem. Sua breve descrição sobre a lavagem das roupas no rio revelou que as atividades domésticas deviam ser habituais para os mais crescidos. As aulas de canto e teatro pareciam ser o êxtase, especialmente para as meninas que viajavam pelas cidades do interior e se apresentavam nos palcos dos teatros.

Enquanto os registros escritos sinalizam algumas das atividades sistematizadas adotadas, a cultura material proveniente do registro arqueológico desvela que brincadeiras e jogos também faziam parte do cotidiano das crianças. Sugere-se que os brinquedos tenham figurado como elementos importantes, como parte da

⁸ Ferreira (2020), a partir de vários excertos de jornais do início do século XX, elencou os inúmeros eventos por cidades do interior de São Paulo e de Minas Gerais, nos quais o grupo se apresentou.

constituição da infância no decorrer do século XX na instituição, tanto nas brincadeiras espontâneas, quanto nas atividades com fins pedagógicos, em particular para as crianças pequenas.

Certamente, os brinquedos foram utilizados pelas crianças em inúmeras brincadeiras, de modo espontâneo. Os artefatos, como a bolinha de pedra, a bolinha de argila, as pequenas peças de argila, além da pequena rocha foram apropriados e incorporados pelas crianças e podem ter sido usadas no jogo de amarelinha, cinco marias, no jogo do gude ou como fichas para jogos de cartelas e tabuleiros. Conforme acentuou Fians (2015), as crianças, além de brincarem com os brinquedos convencionais, veem potencialidades em outros objetos para que se tornem brinquedos. Na brincadeira tudo pode ser brinquedo, até o que não é.

Possivelmente, os brinquedos também tenham sido adotados durante ações pedagógicas, isto é, tenham sido usados como instrumentos em atividades orientadas pelos adultos, com a finalidade de desenvolver habilidades sociais e na aprendizagem de conteúdos formais. Cabe pontuar que desde o século XIX, educadores como Fröbel alertavam para a potencialidade dos brinquedos e dos jogos na educação, como declararam Kishimoto e Pinazza (2007). As autoras sustentaram que Fröbel reconheceu nas crianças o poder natural de simbolizar e construir relações entre os objetos. Outrossim, para além de Fröbel, Monteiro (1992) e Lodi-Corrêa (2009) sugeriram que as ações de Anália Franco tenham sido influenciadas por outros pesquisadores reconhecidos por suas propostas no campo da educação, como Rousseau, Comenius, Pestalozzi e Pape-Carpantier. Monteiro (1992) ressaltou Anália Franco como grande estudiosa das teorias e métodos europeus e enfatizou sua afinidade às ideias de Fröbel e Pestalozzi no que tange à educação dos pequenos, devido à preocupação com o desenvolvimento físico, moral e intelectual, adoção de atividades lúdicas e ligeiro preparo para o ensino primário.

Segundo Kishimoto (2002), na perspectiva psicopedagógica, os brinquedos (em sentido amplo, incluindo a brincadeira, o jogo, a ação de brincar) estão associados à aprendizagem e ao desenvolvimento infantil, pois contemplam várias ações, como a ação intencional, conduzida pela vontade das crianças; possibilitam a criação de representações mentais, propiciada pela cognição; favorecem o desempenho de ações sensorio-motoras e das interações sociais. Ainda sob o enfoque psicopedagógico, Mrech (2006) apontou algumas características tendo os brinquedos, dentre outros objetos, enquanto estruturadores do conhecimento. Primeiramente, os brinquedos não carregam saber pronto e definitivo, carregam saber em potencial, que pode ou não ser ativado pelas crianças. Segundo, não são estáticos, são objetos dinâmicos que se alteram de acordo com as funções simbólicas e imaginárias das crianças. Terceiro, carregam um potencial relacional, que pode ou não desencadear relações entre as pessoas. Por fim, os brinquedos carregam historicidade própria, a historicidade da cultura de um período.

As crianças ao brincarem com a bola, por exemplo, exploram diversos movimentos, conquistam competências motoras, estabelecem maneiras de aperfeiçoá-las. Nesse sentido, a bola além de ter sido usada em brincadeiras espontâneas, pode ter servido de apoio para o desenvolvimento de habilidades motoras e sociais nas aulas de educação física. No caso dos brinquedos como o dado, a ficha com número para jogo de loto e a peça de dominó poderiam ter sido empregados como recurso para auxiliar na aprendizagem das letras e dos números ou para reforçar e aprimorar esses conhecimentos. Além disso, poderiam servir como ferramentas no auxílio de crianças com dificuldades de aprendizagem. Assim sendo, de acordo com Kishimoto (2002), o brinquedo torna-se suporte com finalidades específicas e busca por resultados.

Nas palavras de Soafer Derevenski (2000), as crianças não são definidas apenas pela idade biológica e pelas relações sociais, mas também pelas experiências. E experiência é também definida pela materialidade. Kamp

(2006) argumentou que as experiências das infâncias são fortemente afetadas pelos adultos e pelas expectativas sociais e ao mesmo tempo por outras crianças. Nesse caso, o empreendedorismo educacional, conforme asseverou Ferreira (2020), somado à articulação de Anália Franco com diversos setores, aliando proventos materiais e prática pedagógica, criaram um ambiente propício para que as crianças experienciassem a infância considerada ideal para ela e para a sociedade paulistana. Os relatos de Maria Cândida Silveira Barros revelaram suas vivências cotidianas, o vínculo afetivo construído com o ambiente e com as pessoas, denotando Anália Franco como figura relevante na condução das relações sociais naquele ambiente. Embora os brinquedos não tenham sido mencionados em suas memórias, a materialidade foi expressa por meio do ambiente natural e construído e pelas próprias pessoas.

Partindo-se do pressuposto de que as infâncias são temporariamente construídas, conforme ressaltou Lillehammer (2000), entende-se que as práticas cotidianas das crianças se constituíram por meio das relações com outros agentes, permeadas pela materialidade. Os brinquedos estiveram integrados ao longo do tempo, auxiliando esse processo construtivo. Posto os brinquedos (em sentido amplo, como sugerido por Kishimoto) também como temporariamente construídos, estes, poderiam cumprir diferentes funções: colaborar para o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas das crianças, de maneira orientada pelos adultos; colaborar no desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas a partir da intencionalidade das crianças. Em síntese, o brincar é uma ação que se aprende em determinado contexto, assim como conteúdos formais, como a leitura, a escrita ou problemas matemáticos. Dessa forma, os brinquedos fundaram-se como parte do processo construtivo da infância naquele ambiente, ou ainda fizeram parte do mundo das crianças, segundo defendeu Lillehammer (2018). Para a autora, o mundo das crianças difere-se do conceito de infância, pois permite colocar atenção para além dos aspectos biológicos e enfatizar as várias esferas culturalmente inventadas pelas quais as crianças se movem. Sob tal perspectiva ressalta-se o tempo, o espaço e o corpo, assim como as relações exercidas cotidianamente entre mundos dos adultos e mundos das crianças, salientando a fluidez e a complexidade dessas relações.

Tendo em vista as notícias estampadas no jornal O Estado de São Paulo, observam-se as grandes dificuldades pelas quais atravessou a instituição, o que conseqüentemente acarretou alterações nas vidas das crianças. Seguramente as ideias relacionadas às infâncias alteraram-se e difundiram-se mais ou menos rapidamente no decorrer do século XX. Como exemplo, pode-se citar a mudança de nome da instituição que deixou de ser Colônia Regeneradora para Internato Anália Franco, demonstrando a questão moral presente na sociedade paulistana nas primeiras décadas do século, alterando-se em fins da década de 1950. A atenção aos direitos das crianças, isto é, as crianças vistas como sujeitos com direitos específicos, também pode ser apontada como uma das alterações sobre a percepção acerca das infâncias. As publicações de diversas convenções internacionais buscaram sobretudo o fomento de políticas públicas para a garantia desses direitos. No caso brasileiro tem-se a Constituição Nacional (1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Este último, em seu artigo 16, inciso IV, dispõe que o direito à liberdade compreende aspectos como brincar, praticar esportes e divertir-se; enquanto o artigo 53 dispõe sobre o direito à educação. Considerando a presença massiva dos brinquedos em superfície, é viável sugerir que o direito ao brincar tenha sido considerado relevante. Ao mesmo tempo, os brinquedos podem ter sido usados como instrumentos pedagógicos, favorecendo o direito de acesso à educação das crianças na entidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto apresentado, observa-se que as crianças que viveram na Colônia Regeneradora Dom Romualdo de Seixas – Internato Anália Franco tiveram acesso a diferentes tipos de brinquedos. As fontes escritas indicam que as crianças tiveram suas práticas diárias diferenciadas por critérios de idade e gênero. Tiveram acesso à educação formal, contribuíram para a própria subsistência e conseqüentemente para a manutenção da instituição.

Conforme outrora mencionado, as práticas cotidianas das crianças certamente se alteraram no decorrer dos anos, em decorrência da diversidade e da individualidade das crianças, devido a fatores de ordem interna da própria AFBI e das mudanças nas visões da sociedade em relação às infâncias.

Os brinquedos enquanto dimensão concreta constituíram-se como parte da infância, foram os elementos presentes por gerações de crianças que ali viveram; no entanto, as próprias crianças, suas vivências e interações com os demais agentes foram fluidas e complexas ao longo do tempo. Os brinquedos certamente atuaram como instrumentos nas brincadeiras espontâneas e podem ter servido como instrumentos estratégicos para o desenvolvimento diário e contínuo de habilidades sociais e cognitivas das crianças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Paula Nishida e a Camila Gregório do Centro de Arqueologia da cidade de São Paulo. Agradeço a Marcelo Cachioni pelas informações relacionadas à pesquisa sobre o Sítio do Capão e a Samuel Kruchin e equipe pelo acesso ao Memorial do Sítio do Capão e às fotografias.

REFERÊNCIAS

- Altman, R. Z. (1999). Brincando na história. In: Priore, M. D. (Org.). *História das Crianças no Brasil* (p. 231-258). São Paulo: Editora Contexto.
- Anuário Estatístico De São Paulo (Brasil) 1918. (1920). *Movimento da população e estatística moral, v. 1. São Paulo: Typografia do Diário Oficial*. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/listarPublicacao.php?lista=0&opcao=8&busca=2&listarConteudo=Cole%C3%A7%C3%B5es%20C2%BB%20Anu%C3%A1rio%20%20Estat%C3%ADstico%20do%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo>. (Acesso em 02/08/2021).
- Anuário Estatístico De São Paulo (Brasil) 1919. (1923). *Movimento da população e estatística moral, v. 1. São Paulo: Typografia do Diário Oficial*. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/listarPublicacao.php?lista=0&opcao=8&busca=2&listarConteudo=Cole%C3%A7%C3%B5es%20C2%BB%20Anu%C3%A1rio%20%20Estat%C3%ADstico%20do%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo>. (Acesso em 02/08/2021).
- Anuário Estatístico De São Paulo (Brasil) 1920. (1923). *Movimento da população e estatística moral, v. 1. São Paulo: Typografia Piratininga*. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/listarPublicacao.php?lista=0&opcao=8&busca=2&listarConteudo=Cole%C3%A7%C3%B5es%20C2%BB%20Anu%C3%A1rio%20%20Estat%C3%ADstico%20do%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo>. (Acesso em 02/08/2021).
- Barros, M. C. S. (1982). *Vida e obra de Anália Franco 1856-1919*. São Paulo: Codipart Ltda.

- Baxter, J. E.; Ellis, M. A. B. (2018). Introduction: 19th century childhoods in interdisciplinary and international perspectives. In: BAXTER, J. E.; ELLIS, M. A. B. (Eds). *Nineteenth Century Childhoods in Interdisciplinary and International Perspectives* (p. 1-12). Oxford and Philadelphia: Oxbow Books.
- Carvalho, J. J. (1988). O jogo das bolinhas. Uma simbólica da masculinidade. *Anuário Antropológico*, 12 (1), 191-222.
- Cavallo, S.; Evangelisti, S. (2009). Introduction. In: Cavallo, S.; Evangelisti, S. (Eds.). *Domestic institutional interiors in early modern Europe* (p. 1-26). Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Cachioni, M. (1999). O Sítio do Capão do Tatuapé Acima. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba*, VI (6), 66-80.
- Câmara Cascudo, L. da (2005). *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Ediouro Publicações S. A.
- Chagas, F. G. (2016). *Álbum das Meninas, revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras: estudo de um impresso de Anália Franco (1898-1901)*. (Dissertação de Mestrado). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos.
- Conselho De Defesa Do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico Do Estado De São Paulo (1978). *Estudo de tombamento da casa do antigo Sítio do Capão que pertenceu ao abrigo Regente Feijó no Bairro Água Rasa, Capital*. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/sao-paulo-sede-do-sitio-do-capao/#!/map=38329&loc=-23.558764999999987,-46.562907999999986,17>. (Acesso em 23/09/2020).
- Costa, C. T.; Facioli, L. R.; Giannecchini, A. C.; Bottion, E.; Croma Arquitetura E Restauro S/S Ltda (2007). *Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação*, 1 (4), 165-168.
- Ferreira, R. M. (2020). "O que dizem de nós". *O movimento feminino e educacional de Anália Franco publicado na imprensa de 1875-1919*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Católica de Santos, Santos.
- Fians, G. (2015). *Entre crianças, personagens e monstros*. Uma etnografia de brincadeiras infantis. Rio de Janeiro: Ponteio.
- Fonseca, S. C. da; Johansen, C. C. (2018). Anália Franco, uma referência em matéria de assistência à infância para as cidades do interior de São Paulo? (1901-1923). *História Unicap*, 5 (9), 60-76.
- Fonseca, S. C. da; Narita, F. Z. (2017). A variedade institucional como tema para o estudo da história da assistência à infância na cidade de São Paulo no século XIX. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 9 (18), 2017.
- Franco, A. E. (1913). *Relatório de 1912*. Em assembléa geral ordinária de 5 de abril de 1913. Associação Feminina Beneficente e Instructiva do Estado de São Paulo. São Paulo: Typografia do Globo. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/pesquisa/jsp/educacaoInfancia/index.jsp>. (Acesso em: 25/09/2020).
- Johansen, C. C. (2017). *A interiorização da assistência à infância e a experiência do Asylo de Orphans Anália Franco em Ribeirão Preto (1901-1925)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Educação, Informação e Comunicação. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Kamp, K. A. (2006). Dominant discourses; lived experiences: studying the archaeology of children and childhood. *American Anthropological Association*, 15, 115-122.
- Kishimoto, T. M. *A pré-escola em São Paulo (Das origens a 1940)*. (1986). Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Kishimoto, T. M. (2002). A importância do brinquedo para a educação. *Revista Pedagógica*, Unochapecó, 4 (8), 7-13.

- Kishimoto, T. M.; Pinazza, M. A. (2007). Fröebel: uma pedagogia do brincar para a infância. In: Formosinho, J. O.; Kishimoto, T. M.; Pinazza, M. A. (Orgs.). *Pedagogia (s) da Infância*. Dialogando com o passado, construindo o futuro (p. 37-61). Porto Alegre: Artmed, 2007.
- Kruchin, S.; Gonçalves, C. S.; Medeiros, A.; Matsuoka, F. M.; Bertolini, L.; Cachioni, M. (1999). *Memorial de restauro – Sítio do Capão*. v. I e II. (Relatório Técnico).
- Lillehammer, G. (2000). The world of children. In: Soafer Derevenski, Joanna (Ed). *Children and Material Culture* (p. 17-26). London and New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Lillehammer, G. (2018). Uma criança nasce. O mundo da criança em uma perspectiva arqueológica. Tradução Fernanda Neubauer. *Revista de Arqueologia*, 31 (2), 14-34.
- Lodi-Corrêa, S. (2009). *Anália Franco e sua ação sócio educacional na transição do Império para a República*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Mrech, L. M. (2006). O uso de brinquedos e jogos na intervenção psicopedagógica de crianças com necessidades especiais. In: Kishimoto, T. M (Org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (p. 109-132). São Paulo: Editora Cortez.
- Monteiro, E. C. (1992). *Anália Franco, a grande dama da Educação Brasileira*. São Paulo: Editora Eldorado Espírita.
- O Estado De São Paulo. Geral, 12 de abril de 1912, p. 4. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120412-12170-nac-0004-999-4-not/busca/Colônia+Regeneradora>. (Acesso em: 17/08/2021).
- O Estado De São Paulo. Geral, 7 de março de 1957, p. 16. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19570307-25105-nac-0016-999-16-not/busca/Analia>. (Acesso em: 17/08/2021).
- O Estado De São Paulo. 19 de abril de 1967, p. 11. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19670419-28223-nac-0011-999-11-not/busca/Analia+Franco>. (Acesso em 18/08/2021).
- O Estado De São Paulo. 12 de abril de 1967, p. 10. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19670412-28217-nac-0010-999-10-not/busca/Analia+Franco>. (Acesso em 18/08/2021).
- O Estado De São Paulo. 22 de maio de 1995, p. 19. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19950522-37105-spo-0019-cid-c3-not/busca/Regente+Feij%C3%B3>. (Acesso em 18/08/2021).
- Oliveira, E. de C. (2007). *Anália Franco e a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva: ideias e práticas educativas para a criança e para a mulher (1870-1920)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade São Francisco, Itatiba.
- Perez, F. A. (2011). Entre espíritas, maçons e anarquistas: Anália Franco, João Penteado e a educação em São Paulo na Primeira República. *Horizontes*, 29 (2), 35-46.
- Portela, D. F. (2016). *Trajatória profissional de Anália Emília Franco (1853-1919)*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rizzini, I. (1990). A assistência à infância na passagem para o século XX. Da repressão à educação. *Fórum Educação*, 14 (2), 77-94.
- Rizzini, I; Pilotti, F. (2009). *A Arte de Governar Crianças*. A história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. São Paulo: Editora Cortez.

- Sant'anna, N. (1937). *São Paulo histórico*. Aspectos, lendas e costumes, v. II. São Paulo: Departamento de Cultura.
- Santos, I. S. dos. (2014). *Dom Romualdo Antônio de Seixas e a reforma da igreja católica na Bahia (1828-1860)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Soafer Derevenski, J. (2000). Material Culture Shock. Confronting expectations in the material culture of children. In: Soafer Derevenski, J. (Ed). *Children and Material Culture* (p. 3-16). London and New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Winter, S. (2015). The archaeology of Australian institutions. *Archaeology in Oceania*, 50, 121-122.
- Zanettini, P. E. (2003). *Prospecções arqueológicas no sítio do Capão, município de São Paulo*. São Paulo (Relatório técnico).
- Zanettini, P. E. (2005). *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista*. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.